

Cada um com estilo próprio

A realidade das bandas das Cidades-Satélites difere das bandas do Plano Piloto. Seus próprios integrantes têm plena consciência deste fato e apontam as características específicas por eles observadas. Babu, guitarrista da BsB.H (Brasília Horror), do Plano Piloto, acha que as bandas das Satélites são mais verdadeiras, mas que, por problemas econômicos e sociais possuem pouca informação e formação musical. Podrão, vocalista da mesma banda, acrescenta que também existe discriminação para com o pessoal das Satélites.

Os componentes da banda Dia D, do Gama, são unânimes em apontar o capital, o dinheiro, como a diferença primordial entre eles e os roqueiros do Plano Piloto. Em seguida dizem que, quem tem casa e comida farta protesta por modismo e esconde uma realidade. Considerando as bandas das Satélites mais realistas, o grupo do Gama também discorda do que chamam de mesmice do som dedilhado e bonito, que muitas bandas do Plano Piloto costumam fazer para ser vendido.

BsB.H

Em sua terceira formação, a banda BsB.H mantém como integrantes pioneiros o Podrão (vocal) e Flávio Piolho (Baixo e voz). Criada há três anos esta banda teve início a partir de uma dissidência de Podrão, ex-integrante do Detrito Federal. Cansado do som pós-punk do Detrito, o vocalista criou BsB.H, que começou a executar um punk rock. Hoje, ele explica que tocam do punk rock ao hip-hop rock e pretendem circular de maneira geral pelo universo do rock'n'roll.

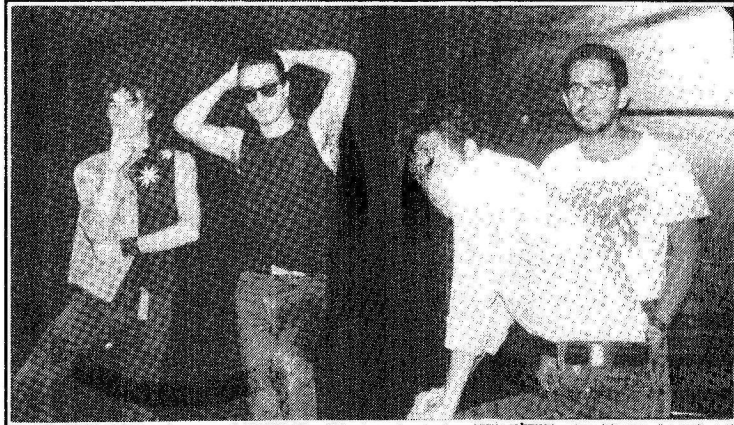
Babu (guitarra) conta então como os caminhos se cruzam em Brasília. Há seis anos envolvido com som, começou com Podrão no punk rock. Afastados por muito tempo, cada um tomou um rumo diferente - Podrão, o radicalismo, e Babu, o rock balada. Tendo retornado há um mês para o BsB.H ele ilustra a trajetória da banda, que hoje se traduz por uma mescla das diferentes experiências de ambos. Babu é o único do grupo que tem formação musical clássica, tendo estudado na Escola de Música e passado por incursões na Bossa-Nova.

Todos os componentes da BsB.H concordam que para não caírem no marasmo, precisam misturar os ritmos, já que, segundo eles, igualdade não é estilo, mas sim pobreza. Mas com relação ao eixo Rio/São Paulo, as divergências aparecem: Babu é contra as gravadoras institucionais. Já Piolho e Podrão são a favor. Com um disco independente na praça, eles pensam que o trabalho de Renato Russo e dos Paralamas do Sucesso são válidos: "Tudo é válido. Há público para tudo".

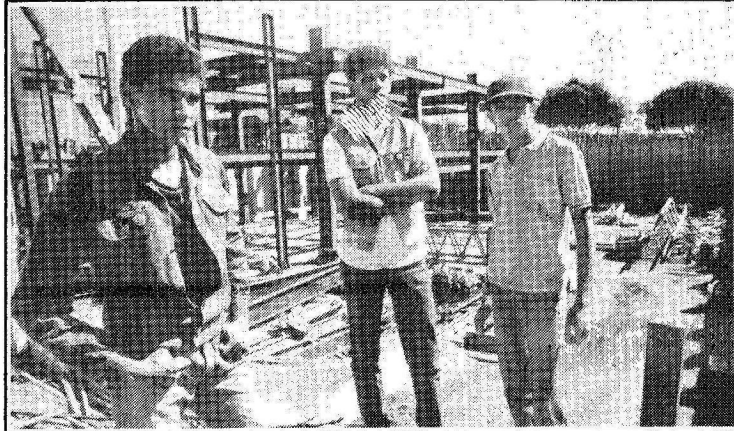
DIA D

Se autodefinindo como criadores exclusivos de punk rock, os integrantes da banda do Gama, Dia D, tem a proposta de mostrar o que está acontecendo

MILA PETRILLO



MILA PETRILLO



MILA PETRILLO



Os Cinco Gerais, de Taguatinga (à esquerda, alto); o Dia D, do Gama e BSB-H, do Plano Piloto, (acima) são o exemplo do movimento que circula na periferia e no centro de Brasília. Críticas e restrições, os motivos de cada uma destas bandas

de errado no sistema — no Brasil e no mundo. Eles se consideram nacionalistas e acreditam no Brasil: "Ainda há chances". Marcos (guitarra e vocal) diz que a banda procura um estilo próprio de protesto, pois há quem esteja usando o punk rock como modismo e se aproximando do New Wave para ganhar dinheiro.

Com poucos arranjos e com letras agressivas eles falam da fome, dos policiais, da guerra e da ecologia. O eixo Rio/São Paulo não faz parte de seus planos, que consistem em abrir espaço em Brasília e excursionar pelo Brasil, sem se vender. Dizendo que suas dificuldades comecem no próprio Gama, onde o espaço é aberto prioritariamente para as bandas do Plano Piloto, eles mencionam também as dificuldades financeiras e a necessidade de trabalharem como boys para seu sustento. Todos tocam de ouvido e não acham importante o estudo da música, pois, segundo a opinião geral do grupo, os músicos de hoje estão se vendendo.

5 GENERAIS

Quatro são os componentes dos 5 Generais, banda de Taguatinga, que surgiu há três anos, com a intenção de mostrar os sentimentos do grupo. O guitarrista Félix explica que o nome da banda foi escolhido como forma de não deixar que o período da ditadura militar brasileira, com seus cinco presidentes-gerais, caísse no esquecimento. Ele situa este momento histórico como a época em que os integrantes da banda nasceram e conheceram o mundo, através de uma realidade onde o sentimento de se ser humano, e não conseguir

sê-lo, preponderava.

Félix diz então, que tanto as letras dos 5 Generais como os sons tentam exprimir este tipo de sentimento, a partir de dados e experiências existenciais, histórico e sociais conjuntas. A luta para conseguir espaço faz parte do dia-a-dia do grupo. Mas o guitarrista descarta o eixo Rio/São Paulo, pois afirma que lá não há público, mas sim críticos. Ele pensa em estar onde o povo se encontre e, segundo sua visão, o povo está no interior.

Se não passar fome até os 35 anos, Félix pretende seguir carreira na música. Para ele, o estudo musical é desnecessário, já que a banda cria a partir do improviso e sem um estilo específico: "Experimentalismo independe dos nomes das notas. Depende de criatividade. Jimmy Hendrix nunca soube o que é um lá maior. Nós buscamos timbres, ruídos e barulhos que possamos depois colocar em uma sequência que tenha possibilidade de ser tocada".

O slogan cunhado há um tempo atrás - Brasília Capital do Rock - para Félix, não passa de uma criação da mídia local. "Só o pessoal de Brasília pensa isto". Ele espera o reconhecimento do trabalho independente de maneira sincera e deseje que os valores não sejam estabelecidos apenas por revistas tipo Contigo, para que não aconteça mais a "pasteurização mental" - "este rock de revista vira futebol e novela, acabando por se transformar em mais um ópio do povo" - diz ele quando explica que o rock tanto pode conscientizar como alienar, dependendo do sentimento com que é feito.